



A Alfabetização Emocional na Educação Formal: Perspectivas na Busca do Desenvolvimento Integral da Educanda

1. Introdução

Felicidade é elemento integrante da cidadania que, formalmente, faz parte da Constituição e dos Direitos Humanos. O termo cidadania, apesar dos diferentes conceitos apresentados, acaba convergindo para o próprio "direito à vida no sentido pleno", que precisa ser construído na coletividade, não só para o atendimento às necessidades básicas, mas de acesso "a todos os níveis de existência, incluindo o mais abrangente, o papel dos homens no Universo" (Manzine-Covre, 1995, p.11). Nessa perspectiva, a escola, enquanto um espaço de socialização, além de ambiente teoricamente favorável à produção de conhecimentos, tem a possibilidade de propiciar acesso e avanços no exercício da cidadania, além de trabalhar para a garantia de um dos maiores direitos da humanidade: a felicidade.

Somando-se a esses pressupostos, estudos de Piaget (1994) e de Kohlberg (1992), entre outros, demonstram que ocorre ao longo do tempo na criança um desenvolvimento progressivo a passar por várias fases e etapas, até chegar à autonomia. Esse desenvolvimento da criança ocorre na sua integralidade, ou seja, com a evolução da inteligência ocorrem outras alterações tais como aquelas ligadas à afetividade, à socialização, à moralidade. E, se existe uma interação desse tipo, "no qual um age na construção do outro" (Piaget, 1994, p.295), a educação escolar deve contemplar também a educação emocional na organização curricular como uma proposta pedagógica voltada a esse processo de desenvolvimento dos educandos.

O ser humano não se desenvolve de forma isolada, individualmente, mas estabelecendo relações interpessoais (Duarte, 2001, p. 34). Nas relações interpessoais estão implicadas também

Ana Cristina Santos Duarte*

Josmar Barreta Duarte**

Júlia Cezar Castilha Razera***

Resumo:

Teorias de Piaget, entre outros, demonstram que o desenvolvimento da criança ocorre na sua integralidade, ou seja, com a evolução da inteligência ocorrem alterações tais como aquelas ligadas à afetividade, à socialização e à moralidade. Se existe interação entre desenvolvimento da moralidade, afetividade e inteligência, no qual um age na construção do outro, o ambiente escolar deve servir-se para além das preocupações baseadas apenas no cognitivismo. Este artigo relata uma experiência desenvolvida em turmas de 3ª série do ensino médio de escola pública da cidade de Jequié-BA, que trouxe algumas contribuições da alfabetização emocional na organização curricular da escola para o processo de desenvolvimento mais integral dos educandos, utilizando-se de técnicas psicopedagógicas baseadas em reflexões de textos, dinâmicas interativas e relaxamento, que resultaram ao educando numa interferência positiva na construção do autoconhecimento e no resgate da auto-estima e do equilíbrio emocional.

Palavras-chave: alfabetização emocional, desenvolvimento integral, autoconhecimento.

* Doutora em Educação. Professora Adjunto do Departamento de Ciências Biológicas (DCB)/ Laboratório de Ensino de Biologia (LEBio) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

E-mail: Cristina@uesb.br

** Psicanalista Clínica e Didata. Mestre em Educação. Professor Assistente do Departamento de Ciências Biológicas (DCB)/ Laboratório de Ensino de Biologia (LEBio) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: josmar@uesb.br

*** Mestre em Educação em Ciências. Professor Assistente do Departamento de Ciências Biológicas (DCB)/ Laboratório de Ensino de Biologia (LEBio) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: juliorazera@uesb.br

o conhecimento, que “não pode ocorrer de forma isolada dos sentimentos”. Para Golleman (1995, p.276), “ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem quanto a matemática e a leitura”.

Ao processo de formação do ser humano, Boff (2000) critica os moldes perversos de formação a que somos submetidos nas instituições sociais, incluindo a escola:

[...] olhem ao redor e vejam os sistemas que nos querem enquadrar hoje. Na educação, na família, na escola, nas religiões. Não nos deixemos mediocritar, mantenhamos nossa grandeza, nossa capacidade de vôo; nossa capacidade de transcendência (p. 39).

Os seres humanos são possuidores de desejos. Por isso, utopicamente (no sentido de Paulo Freire) devemos, através desses desejos, potencializar a busca da felicidade. Como diz Boff (2000, p.62), somos chamados à plenitude e não ao pedaço do ser.

Pela experiência do dia-a-dia, no papel de docência, percebe-se que escolas vêm trabalhando uma didática que não contempla totalmente a preparação do educando no “aprender a ser”, na administração de suas emoções e no desenvolvimento do amor pela vida, que é direito de todo cidadão. Temos observado que a escola tende a trabalhos cognitivos em detrimento às atividades lúdicas, com alegações diversas, incluindo uma corrente que defende a escola como lugar para a divulgação e a construção do conhecimento científico-cultural. Por outro lado, não se pode esquecer que há uma relação intrínseca entre aprendizagem e emoção, como vimos num breve recorte anterior.

Sobre a importância da educação emocional no ambiente escolar, podemos buscar em Pedreira (1998, p.130) a seguinte afirmação:

Insistimos em que, embora as escolas, até recentemente, só privilegiem as inteligências verbal e matemática, nesta virada do século é inconcebível que se ignore a importância da comunicação interpessoal, em particular, da chamada Inteligência Emocional [...]. Trata-se de uma nova proposta pedagógica, visando atingir o sucesso profissional e pessoal, nos relacionamentos interpessoais, objetivando-se o bem-estar e mais qualidade de vida.

Podemos salientar que diante das transformações culturais e sociais impostas pela sociedade globalizada, rica de oportunidades e inovações tecnológicas, surge a necessidade de busca de uma maturidade muito mais emocional do que intelectual. Valle (1997, p. 8) afirma que,

é preciso crer na possibilidade de a escola e professores(as) poderem agir positivamente sobre o equilíbrio emocional das crianças, evitando, prevenindo e corrigindo anomalias que infelicitam a vida de milhões de seres humanos.

Referindo-se à aprendizagem do ser humano, Cury (2003, p.149) questiona: “de que adianta aprender a equacionar problemas de matemática se nossos jovens não aprenderem a resolver os problemas da vida, de que adianta aprender línguas se não souberem falar de si mesmos?”

A utilização de atividades lúdicas ou similares no espaço escolar favorece o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, faz bem ao corpo, à mente e são funcionais e significativas nas tarefas dinâmicas do indivíduo, possibilitam a convivência na diversidade e o respeito pelas diferenças individuais, aceitando-se a si próprio e ao outro com seus limites e potencialidades.

Jacques Delors (2000), em seu relatório para a UNESCO - Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, intitulado a “Educação: um tesouro a descobrir”, cita, do ponto de vista filosófico e pedagógico, as quatro grandes necessidades de aprendizagem, já bem difundidas, que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, enfocado este último como caminho principal para os outros três primeiros.

O “aprender a ser”, por parte dos educadores e educandos, é o ponto central da educação para este novo milênio. Aprender a ser pessoa, ser gente, ser humano, ser solidário, ser compreensivo, ser prestativo é dever e direito de todos.

Luckesi (2003) salienta que nossa tradição educativa está centrada nos ‘produtos’ “aprender a conhecer” e “aprender a fazer”, que oferecem, respectivamente, o conhecimento estabelecido e o profissional técnico. O aprender a ser, geralmente é ignorado, mas é preciso resgatá-lo no espaço escolar para podermos alfabetizar emocionalmente os educandos e (re)alfabetizar os educadores.

Assistimos hoje, a um grande aumento de casos de depressão, assassinatos, gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis, desestruturação familiar, violência etc., o que é ao mesmo tempo causa e efeito de uma sociedade moderna e desequilibrada emocionalmente. Segundo Golleman (1995, p.245),

O fato é muito chocante, mas é também um indicador, à nossa disposição, para que tomemos consciência da necessidade, urgente, de ensinamentos que objetivem o controle das emoções, as resoluções de desentendimentos de forma pacífica e, enfim, a boa convivência entre as pessoas. Os educadores, muito preocupados com as notas baixas dos alunos em matemática e leitura, começam a constatar que existe um outro tipo de deficiência e que é mais alarmante: o analfabetismo emocional.

É urgente a necessidade de uma educação que proporcione condições para a organização/ equilíbrio emocional e até espiritual do ser humano. É preciso, portanto, repensar as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola e fora dela, (re)dimensionando-as para promover o desenvolvimento emocional dos envolvidos no processo educativo.

Diante da problemática exposta e da constatação da inexistência, nas escolas, de projetos que visem à alfabetização emocional dos educandos é que propomos, como uma das ações do Projeto de Extensão "Educar na diversidade: um processo básico para o exercício da cidadania", cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), o desenvolvimento de oficinas pedagógicas voltadas para a educação emocional.

O objetivo deste projeto esteve pautado na alfabetização emocional, visando contribuir para a construção do autoconhecimento, da autoconfiança e da auto-estima do educando.

2. Metodologia

Para alcançar os objetivos, desenvolvemos oficinas em uma escola pública da cidade de Jequié-BA, com uma turma de 3º ano do ensino médio, com 45 educandos, por perceber nesta turma uma desmotivação e ausência de perspectiva de vida, exatamente no momento em que estavam encerrando uma etapa da vida escolar e se preparando para o vestibular e/ou para o mer-

cado de trabalho. As oficinas foram desenvolvidas por meio de técnicas psicopedagógicas e jogos emocionais utilizando como referência Augusto Cury (2003) e Celso Antunes (1999).

O trabalho foi desenvolvido durante os meses de setembro a dezembro/2005. Os encontros aconteceram duas vezes por mês (15 em 15 dias), com duração aproximada de 60 minutos, totalizando oito encontros.

Inicialmente, nas primeiras oficinas, houve resistência dos participantes, por não entenderem e/ou não estarem acostumados a pensar sobre seus projetos e a importância da construção de sua própria história de vida. Nas oficinas seguintes, a partir das técnicas de relaxamento, foram proporcionadas condições para que eles falassem mais sobre si mesmos, favorecendo o mergulho interior. Os participantes puderam resgatar um pouco de suas histórias de vida e elevaram a auto-estima.

2.1 Operacionalização

No primeiro encontro, foi proferida palestra procurando sensibilizar os educandos do quanto são capazes e que os obstáculos que a vida coloca no caminho não podiam impedi-los de lutar por seus objetivos, aumentando a auto-estima dos participantes.

No segundo encontro, foram feitos alguns questionamentos aos participantes sobre a contribuição da escola no que se refere à educação emocional do educando.

No terceiro encontro, os educandos foram estimulados a refletir sobre suas histórias e objetivos de vida, a partir de metáforas.

No quarto e quinto encontros, foram utilizados jogos emocionais, objetivando o desenvolvimento das inteligências interpessoal e intrapessoal, tomando como referência Celso Antunes (1999).

No sexto encontro, foram utilizadas técnicas de relaxamento, objetivando uma interiorização, favorecendo a construção do autoconhecimento, da autoconfiança e auto-estima dos educandos.

No sétimo encontro, os participantes foram divididos em grupos para apresentarem dramatizações enfocando aspectos relevantes da alfabe-

tização emocional, discutidos nos encontros anteriores, como: o desenvolvimento das inteligências interpessoal e intrapessoal; a construção do autoconhecimento e da auto-estima.

Por fim, foi feita uma avaliação dos encontros, por meio de relatos orais.

3. Resultados e discussão

Os relatos dos participantes, no segundo encontro, demonstraram que a escola tem se preocupado mais com a inteligência racional do que com a inteligência emocional, esquecendo-se de preparar os educandos para a vida, como afirma um aluno: "a escola só se preocupa em transmitir conhecimento"; e outro aluno, que disse: "a escola deveria investir mais em projetos deste tipo".

Quanto às histórias e projetos de vida, verificamos que as condições socioeconômicas e a baixa auto-estima vêm diminuindo a expectativa de vida dos participantes. Todavia, ao final dos encontros, houve relatos de que "o importante é não desistir dos nossos sonhos".

Durante as oficinas, utilizando jogos e dramatizações, observamos que houve aumento das habilidades de lidar com as reações emocionais, controlando os impulsos e interagindo com os outros (administração das emoções), bem como habilidade de se colocar no lugar do outro (empatia).

Na avaliação final, foram muitos os depoimentos do aproveitamento e da importância das oficinas para a vida pessoal e escolar, como afirmaram: "foi muito bom, fez a gente pensar sobre a vida"; "ajudou a gente a ser melhor com os outros"; "a escola deveria ter mais projetos destes"; "muito bom, muito bom, me ajudou muito [...]". Cury (2003) reafirma que é preciso caminhar dentro de si mesmo e se tornar agente modificador de sua história.

Os resultados apontam que, durante e após o trabalho desenvolvido, o nível de estresse dos educandos e os gritos implorando silêncio diminuíram; os níveis de ansiedade, as conversas paralelas e atritos entre os educandos atenuaram-se; houve aumento na capacidade de concentração, do prazer de aprender e a participação do grupo durante as aulas, bem como o aumento da autoconfiança, da auto-estima e a consciência de que os projetos de vida e a busca pela felicidade não podem ser abandonados.

Segundo Cury (2003), o melhor de tudo é que a aplicação dessas técnicas gera a escola dos nossos sonhos: "Espero que milhares de escolas em todo o mundo entrem nesse sonho". Constatamos também, com Delors (2000), que é preciso promover o desenvolvimento de competências necessárias e requeridas para o futuro, que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Nesta perspectiva, não basta acumular conhecimento, é preciso transformá-los/aplicá-los de forma significativa na vida cotidiana, enfocando e desenvolvendo a dimensão afetiva e a emoção no convívio solidário e no respeito à diversidade, buscando a vivência da ludicidade, da construção do autoconhecimento do educando que norteia o desenvolvimento integral do ser humano, que é um direito.

Todavia, parece-nos ingênuo afirmar que as ações desenvolvidas neste projeto favoreceram a mudança da emoção dos educandos. O mais correto seria afirmar com Antunes (1999, p.245) "que os jogos emocionais poderão propiciar um melhor conhecimento de si mesmo e dos outros e, portanto construir relações humanas mais serenas e laços de afetividade mais sólidos".

4. Considerações finais

Diante dos resultados, podemos afirmar que é perfeitamente possível e necessária a educação emocional na organização curricular das escolas, pois contribui para o desenvolvimento do autoconhecimento, da auto-estima e do respeito pela diversidade, favorecendo o exercício da cidadania e a busca da felicidade, que é direito de todo cidadão.

Percebe-se que a educação emocional é de grande importância para o aprimoramento humano nos dias atuais e deve ser abraçada pela escola com compromisso, responsabilidade e seriedade, como bem afirma Antunes (2002, p.65): "acreditamos que a capacitação emocional não pode navegar ao sabor da acidentalidade ou sob o impacto do modismo, devendo ser implantada com seriedade e metas a serem atingidas."

Faz-se necessário estarmos atentos a uma melhoria nos processos de ensino e aprendizagem para favorecermos a construção de novos conceitos, novas vivências e, a partir daí, estarmos contribuindo para a descoberta de novas possibilidades nos processos educacionais.

Quanto à inserção da educação emocional nos currículos, Golleman (1995) sugere programas de alfabetização emocional nos currículos normais, para que as emoções recebam uma maior atenção por parte dos educadores, tendo o cuidado de respeitar os anseios dos educandos e suas reais necessidades diante do seu meio social.

As exigências são grandes. Além do conhecimento técnico científico, também há a forma como lidamos conosco e com os outros. Conclui-se, então, que a alfabetização emocional na organização curricular é uma condição necessária para que o educador possa ajudar o educando no desenvolvimento das inteligências intra e interpessoais e na construção do aprender a ser, pois é com respeito aos sentimentos, emoções e valores individuais que podemos construir cidadãos responsáveis e emocionalmente equilibrados para a vida social, sadia e produtiva.

5. Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Celso. *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- _____. *Novas maneiras de Ensinar, Novas formas de Aprender*. Porto Alegre: Artemed, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- CURY, Augusto. *Inteligência Multifocal*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- _____. *Pais Brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- _____. *Revolucione sua qualidade de vida*. São Paulo: Sextante, 2002.
- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir* – São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC UNESCO, 2000.
- DUARTE, Josmar Barreto. *Educação/Orientação sexual em escolas públicas (3º e 4º ciclos): realidade e perspectivas*. Salvador-BA / Ilhéus-BA. UFBA / UESC, 2001. (Dissertação de Mestrado).
- GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas – A teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- GOLLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional - A teoria revolucionária que redefine o que é ser Inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- KOHLBERG, L. *Psicologia del desarrollo moral*. Bilbao (Espanha): Editorial Desclée de Brauwier S.A., 1992.
- LUCKESI, Cipriano. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade. In: *Cadernos de Pesquisa / Núcleo de filosofia e história da educação*. V. 4, n. 1 (2003), p. 8-31. Salvador: UFBA. Faculdade de educação. Programa de Pós-Graduação e Pesquisa, 2003.
- MANZINI-COVRE, M. L. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PEDREIRA, Antonio. *A hora e a vez da Competência Emocional – Levando inteligência às emoções*. 4ª ed. Salvador-BA: Casa da Qualidade
- PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.
- VALLE, Edênio. *Educação Emocional*. 2ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

Abstract:

Piaget's theories, among others, shows that the child development occur in its total or better saying: with the intelligence evolution happens alteration, such as those connected to affectivity, socialization and the morality. If there is interaction between the development of the morality, affectivity and intellection in which one acts in construction of the other, the school environment should be used beyond the preoccupations, not only based on the cognitive. This article has as its aim to report the developed experience in a third grade of a public high school in Jequié – BA, that brought some contribution of the emotional literacy in the curricular organization to a more complete development process of the teachers using psycho pedagogic techniques based on text reflections, interactive dynamics and relaxation, having as a result a positive interference on the teacher in the construction of the self knowledge and the ransom of the self esteem and the emotional balance.

Keywords: Emotional literacy, complete development, self knowledge.

